

Introdução

Filho de um famoso oftalmologista, Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde nasceu em Dublin no dia 16 de outubro de 1854 e morreu num modesto quarto do Hôtel d'Alsace em Paris, numa fria tarde de novembro do ano de 1900. Disse um dia ao seu irmão: «Agora sou Oscar Fingal O'Flahertie Wills Wilde. Mas como o aeronauta que se vai livrando do lastro para poder subir, acabei por ficar Oscar Wilde. Para as futuras gerações serei o Wilde ou o Oscar.» Estudou no Trinity College e em Oxford. Foi distinto hele-nista e há cem anos, em 1877, fez uma viagem à Grécia. Ao contrário de outros escritores, que tentam parecer profundos, Wilde, como Heine, era-o essencialmente, e tentava parecer frívolo. Essa aparência de frivolidade prejudica hoje a sua reputação. Liderou o movimento decadente, que em Inglaterra correspondeu ao simbolismo e às outras escolas decorativas da época, mas ao

invés dos seus contemporâneos fê-lo um pouco por brincadeira. Em 1890 publicou The Picture of Dorian Gray, porventura inspirado na mais famosa das invenções de Stevenson, mas no qual a presença do Mal é completamente distinta. Antes disso tinha feito uma viagem aos Estados Unidos. Na alfândega perguntaram-lhe se tinha alguma coisa a declarar; respondeu: «Nada, a não ser o meu génio.» Percorreu o país dando conferências; proclamou o seu evangelho estético em Nova Iorque e, segundo ele, num certo local no Texas, leu um letreiro com o seguinte aviso: «Não disparem sobre o pianista; ele faz o que pode.» Em Salt Lake City, capital dos mórmones, deu uma conferência; comentaria depois que a sala era tão grande que nela poderiam caber até catorze famílias. Desenhou um pequeno esquema em que mostrava como cada mórmon colocava à sua esquerda as suas dez mulheres e à direita os seus filhos. De regresso a Londres, declarou que a descoberta da América tinha sido um erro lamentável e que Colombo deveria ter passado adiante. Das Cataratas do Niágara disse: «Levam ali todas as recém-casadas americanas, e a contemplação desse estupendo espetáculo é a primeira desilusão, embora não a menos cruel, da sua vida matrimonial.» Ofereceram-lhe uma soma considerável por um romance de cem mil palavras; respondeu que não conhecia cem mil palavras. Tem-se falado demasiado do processo por injúrias e calúnias por si movido em 1895 contra o marquês de Queensberry, o qual lhe valeu ser condenado a dois anos de trabalhos forçados.

À saída do cárcere parecia, dizem-nos, um rei que regressa do exílio; mas ao entrar numa livraria, ouviu alguém atrás de si comentar «aquele é Oscar Wilde». Nessa mesma tarde embarcou para França; não tornaria a ver a luz de Londres. Em Calais, o poeta Ernest Dowson levou-o, para salvar a sua reputação, a um prostíbulo. Wilde cumpriu a sua obrigação, mas exclamou: «Never again; it was like cold mutton.»¹

Em 1900 morreu esquecido e pobre num hotel de Paris. Na cinco vezes centenária igreja de Saint-Germain-des-Prés rezou-se um responsório. O dono do hotel acompanhou o cortejo com uma coroa que dizia: A mon locataire².

O processo e a detenção de Oscar Wilde foram essencialmente um suicídio. Ele próprio o disse a André Gide: «Queria conhecer o lado escuro do jardim.» Era um homem seguro, muito elegante e atlético. Quando estudava em Oxford, três estudantes irromperam pelo seu quarto para destruir a sua coleção de porcelanas orientais; Wilde expulsou-os a murro.

Como *The Importance of Being Earnest* (que Alfonso Reyes engenhosamente traduziu por *La importancia de ser Severo*), «*O Crime de Lord Arthur Savile*» coloca-se com toda a graça para lá do Bem e do Mal. Trata-se da história de um assassínio, mas o ato é perpetrado num mundo que, pela sua própria frivolidade, não é menos irreal do que aquele, deliberadamente fantástico, das Mil e Uma Noites. Para acentuar esta

¹ «Nunca mais; foi como comer borrego frio.» (NT)

² «Ao meu inquilino.» (NT)

semelhança dever-se-ia acrescentar que todo o conto, que se desenrola numa Londres onírica, comparável à de Stevenson ou de Chesterton, se rege pelo conceito islâmico de Destino. Como nas suas comédias mundanas, Wilde apresenta-nos personagens estúpidas, mas a sua estupidez é epigramática, já que não são mais do que divertidos disfarces do autor. Recordemos aquela grande senhora a quem mostram o mapa da Austrália e que diz: «Que forma curiosa!», para depois acrescentar, como se tivesse compreendido: «É porque se trata de um país muito jovem». O tema de «O Fantasma de Canterville» pertence ao romance gótico, mas, felizmente para o leitor, o seu tratamento não. Nesta divertida história, os americanos não levam a sério o fantasma, e nem os leitores nem Wilde levam a sério os americanos. «O Príncipe Feliz», «O Rouxinol e a Rosa» e «O Gigante Egoísta» são contos de fadas concebidos não à maneira genuína de Grimm, mas de um modo sentimental que faz lembrar Hans Christian Andersen, porém embebedos daquela ironia melancólica que é atributo peculiar de Oscar Wilde.

Quase oitenta anos nos separam da morte de Wilde. A sua época, tão distante da nossa, é já uma peça de museu. O grande irlandês de triste destino e alma tempestuosa é nosso contemporâneo e sê-lo-á de muitas gerações futuras. A sua íntima, a sua invencível felicidade, salva-o de perdurar na nossa memória como um trágico dandy, à maneira do príncipe da Dinamarca.

Jorge Luis Borges